

OPINIÃO

Chuvas do segundo semestre podem determinar a produção de cana-de-açúcar

Daniel B. Pedroso (*)

Trabalho no setor sucroenergético desde 2003 e, nesses mais de 22 anos de atuação, aprendi que não existe uma “receita de bolo” entre as safras. Cada ano é único e apresenta suas próprias características.

Na safra 2024/2025, por exemplo, enfrentamos uma grande seca que derrubou a produtividade dos canaviais, além dos incêndios que atingiram principalmente o interior do Estado de São Paulo.

Já nesta safra, 2025/2026, temos um novo cenário. Apesar do susto que as chuvas nos causaram em meados de janeiro e fevereiro, elas retornaram com força nos meses de março e abril, e se prolongaram em algumas regiões até julho, com precipitações de até 60 mm.

Isso foi ruim para a manutenção da qualidade da cana-de-açúcar, que hoje se encontra na faixa de 122,4 kg/ton (PECEGE, julho de 2025), valor abaixo do mesmo período do ano passado. No entanto, o excesso de chuva foi excelente para garantir a produção da próxima safra.

Explicando melhor: com o prolongamento das chuvas adentrando o meio da safra na região Centro-Sul, a volta da umidade do solo vem garantindo uma melhor rebrota dos canaviais recém-colhidos, estabelecendo um melhor estande para essas áreas.

Como sabemos, a produção se dá por alguns fatores: altura da planta, diâmetro do colmo e, principalmente, população — sendo esta última garantida pelas chuvas dos últimos meses.

Entretanto, “nem tudo são flores”. O fato de termos garantido a população inicial do canavial nos leva a pensar: como será daqui para frente?

A escolha é sua.

(*) Eng. Agrônomo e Especialista Agronômico Sênior da Netafim Brasil.

Com uma alta população de

plantas no campo, os perfilhos começam a competir entre si por nutrientes, luz e, principalmente, por água. Isso nos lembra que estamos iniciando um período de estiagem, que, caso siga o histórico, deve se estender até outubro/novembro. E então surge a grande pergunta: como ficarão as plantas?

A resposta me parece clara: caso volte a chover no período esperado, a precipitação permitirá a permanência dos perfilhos, e poderemos sorrir com uma alta produção. No entanto, se as chuvas não retornarem a tempo, podemos ter uma grande quebra de safra — talvez até acentuada pelas chuvas de junho/julho, que aumentaram o estande de plantas.

Ou seja, mais uma vez estamos à mercê do clima.

Novamente, uma das formas de mitigar esse possível risco é por meio do uso de sistemas de irrigação. Desta vez, no entanto, os sistemas devem ser capazes de irrigar canaviais adultos. Para isso, uma das tecnologias mais indicadas é a irrigação por gotejamento.

O sistema de irrigação por gotejamento aplica água diretamente na região radicular das plantas, em alta frequência e com baixa intensidade, por meio de emissores conhecidos como gotejadores. O objetivo é suprir a deficiência hídrica da cultura, mantendo o solo próximo à sua capacidade de campo. Estima-se que a eficiência da irrigação por gotejamento varie de 95% a 100%.

Concluindo: a safra 2025/2026, mais uma vez, será determinada por questões climáticas. O retorno — ou não — das chuvas será o fator preponderante. Nesse contexto, temos duas opções: perder o sono e aguardar até novembro ou investir em um sistema de irrigação e parar de depender do clima para nossas tomadas de decisão.

EUA taxam Índia e acendem alerta global no mercado de fertilizantes

A Casa Branca anunciou o aumento das tarifas de importação dos EUA sobre produtos provenientes da Índia, conforme informou o relatório de fertilizantes semanal da StoneX, empresa global de serviços financeiros. A nova taxa entra em vigor no próximo dia 27 e deverá reduzir a competitividade dos produtos indianos no mercado norte-americano, penalizando importadores dos EUA e exportadores da Índia.

Segundo o analista de Inteligência de Mercado, Tomás Pernías, essa ordem executiva tem gerado preocupações no mercado de fertilizantes, por representar um sinal de que a Casa Branca está monitorando fluxos comerciais que beneficiam a Rússia. O Brasil, vale lembrar, é um grande comprador de fertilizantes fabricados e vendidos pela Rússia.

“De acordo com a Casa Branca, a implementação dessa tarifa se deve ao fato de que a Índia está importando — direta ou indiretamente — petróleo e derivados da Rússia, contrariando os esforços internacionais para pressionar economicamente a

Rússia em resposta à guerra na Ucrânia”, explica Pernías.

Relação Brasil e Rússia

Em 2024, por exemplo, 53% das importações brasileiras de MAP — um fosfatado amplamente utilizado no país — foram fornecidas pela Rússia. Da mesma forma, 39% das importações de cloreto de potássio, no mesmo ano, tiveram origem russa.

“Além disso, o Brasil também importou volumes significativos de ureia da Rússia. Esses dados evidenciam a forte dependência brasileira de mercadorias russas nos segmentos de nitrogenados, fosfatados e potássicos, o que torna difícil a substituição por outras origens com capacidade semelhante de fornecimento”, ressalta Pernías.

Segundo o analista de Inteligência de Mercado, até o presente momento não há indícios de que países que importam fertilizantes russos estejam na mira de novas sanções. A tarifa sobre a Índia, conforme a ordem executiva da Casa Branca, está diretamente ligada às compras realizadas de petróleo e derivados russos do país asiático.

Produtividade da soja avança e Brasil mira nova safra histórica em 2025/26

Com apoio técnico e soluções nutricionais de precisão, produtores elevam produtividade e sustentabilidade. De 2000 para cá, o país já multiplicou por cinco sua produção; com apoio da ciência, inovação agronômica e orientações personalizadas

Com o início da semeadura da safra 2025/26 se aproximando, produtores em todo o Brasil intensificam os preparativos para um ciclo que promete ser vigoroso. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima uma produção recorde de 169,49 milhões de toneladas de soja para a temporada 2024/25 — um salto de 14,7% em relação à safra anterior.

Mais expressivo ainda é o avanço na produtividade: a média nacional deve alcançar 59.3 sacas por hectare, com destaques como o estado de Goiás atingindo 68.7 sacas/ha. Se compararmos com o início dos anos 2000, quando a produtividade média estava em torno de 40 a 45 sacas/ha, o aumento é notório — graças ao esforço conjunto de pesquisa, inovação tecnológica e práticas de manejo aperfeiçoadas.

“Esse avanço foi possível graças a um esforço coletivo da cadeia produtiva. Instituições de pesquisa, empresas e, principalmente, os produtores (que acreditaram e investiram fortemente em assistência técnica qualificada e tecnologia de campo) entenderam que produtividade, sustentabilidade e rentabilidade caminham juntas”, avalia Felipe Pozzan, líder de marketing da Agrichem, empresa fabricante de fertilizantes especiais que teve origem também no início dos anos 2000.

“Neste quarto de século, a Agrichem acompanhou de perto esse salto de produtividade, e contribuiu de forma decisiva para essa trajetória de crescimento”, conta Felipe. Hoje, a empresa oferece um portfólio de mais de 40 tecnologias nutricionais de alto desempenho, referências para o sojicultor pela forte colaboração em incremento de produtividade. Destaques como os fertilizantes especiais da linha Booster (Booster Pro e Booster Infinity) que contribuem com incrementos de produtividade com ganhos médios que superam 3,2 sc/ha em mais de 230 áreas nas safras 23/24 e 24/25. Isso se traduz em significativo retorno sobre o investimento, acima de 280 reais por hectare.



“A média nacional deve alcançar 59.3 sacas por hectare, com destaques como o estado de Goiás atingindo 68.7 sacas/ha.

Tecnologia que impulsiona produtividade

Além de contar com produtos cada vez mais inovadores, seguros e eficientes, outro fator decisivo para o avanço da produtividade tem sido a democratização da assistência técnica e o acesso a recomendações individualizadas. E esse é outro grande ponto forte que consolida a posição da Agrichem no mercado. Por meio da plataforma PAMnutri, a empresa oferece assistência técnica individualizada: a ferramenta analisa solo e folha, compara com as exigências nutricionais da soja em cada fase do ciclo e entrega recomendações precisas sobre nutrientes e dosagens.

“Com o PAMnutri, o produtor recebe uma nutrição sob medida: o que usar, quando usar e quanto usar, exatamente no ponto de maior eficiência. Essa combinação de tecnologia e orientação assertiva se traduz em produtividade mais alta e uso mais racional de insumos”, explica Arthur Torres, diretor Comercial da Agrichem.

Produtores podem usar crédito de ICMS como capital de giro

Com o início do planejamento da segunda safra, produtores rurais de diversas regiões ainda ignoram uma alternativa viável para reforçar o caixa, o uso de créditos de ICMS como capital de giro. Embora prevista na legislação paulista, a conversão do imposto estadual em recurso financeiro direto ainda é pouco utilizada no setor agropecuário, principalmente pela ausência de conhecimento técnico e orientação especializada.

A ausência de orientação técnica tem mantido milhões de reais parados nas contas de produtores rurais, mesmo com respaldo legal para utilização. Trata-se dos créditos de ICMS acumulados ao longo da operação agropecuária, que poderiam ser convertidos em capital de giro, mas seguem subutilizados, segundo Altair Heitor, contador, e CFO da consultoria Palin & Martins. “O ICMS tem impacto direto no fluxo de caixa do produtor, mas poucas pessoas sabem que é possível transformá-lo em recurso disponível para reinvestimento, sem necessidade de recorrer a empréstimos bancários”, explica o especialista, que atua há mais de duas décadas com gestão tributária para o agronegócio.

Segundo o especialista, os valores acumulados podem ser significativos, especialmente quando apurados corretamente ao longo dos anos. “Já acompanhamos produtores que movimentaram mais de R\$ 70 milhões em créditos de ICMS. Em muitos casos, esses recursos estavam parados por falhas simples de documentação ou pela ausência de assessoria especializada”, afirma.



Altair Heitor

mente ao longo dos anos. “Já acompanhamos produtores que movimentaram mais de R\$ 70 milhões em créditos de ICMS. Em muitos casos, esses recursos estavam parados por falhas simples de documentação ou pela ausência de assessoria especializada”, afirma.

Rumos da tecnologia no campo

Arthur lembra que, ao longo dos últimos 25 anos, a sojicultura brasileira não apenas ampliou sua área cultivada — especialmente no Centro Oeste e no MATOPIBA — mas também elevou a eficiência nas lavouras já existentes, reduzindo pressão sobre novas áreas. Inovações como o plantio direto, a rotação de culturas, o uso de biotecnologia e adubação equilibrada contribuíram para esse salto quantitativo e qualitativo.

“O setor ainda enfrenta desafios — como logística insuficiente e variabilidade climática —, mas as ferramentas disponíveis hoje deixam os produtores mais preparados para enfrentá-los, com foco em produtividade sustentável”, afirma o executivo. Ele destaca ainda que, assim como o setor passa por um cenário dinâmico e em constante evolução, a celebração pelos 25 anos da empresa também traz consigo um olhar voltado para as próximas décadas.

“A trajetória da sojicultura brasileira comprova que é possível avançar em produtividade e competitividade com responsabilidade ambiental. Com acesso à tecnologia e orientação técnica de qualidade, o produtor responde com desempenho e eficiência. Se o passado recente foi marcado por transformação, o futuro aponta para um Brasil cada vez mais preparado para liderar a produção global de alimentos com inteligência, sustentabilidade e alta performance no campo”, completa Arthur Torres.

A legislação do Estado de São Paulo permite a utilização desses créditos por meio do mecanismo de transferência, desde que a origem esteja devidamente documentada e os registros atendam aos critérios da Secretaria da Fazenda, conforme a portaria CAT 153/2011. “O crédito só se materializa se houver um processo administrativo, que consiste em credenciamento e solicitação do crédito de ICMS extemporânea e mensal. Do contrário, a solicitação pode ser indeferida”, alerta.

A recomendação é que os produtores iniciem uma revisão fiscal dos exercícios dos últimos cinco anos e verifiquem a existência de créditos não utilizados. O especialista destaca que o segundo semestre é um momento estratégico para essa análise. “Em vez de assumir novos financiamentos com juros elevados, o produtor poderia utilizar um valor que é seu por direito, mas que exige conhecimento técnico para ser acessado com segurança”, conclui.

A habilitação para o uso dos créditos deve ser feita pelo sistema e-CredRural, da Secretaria da Fazenda paulista. O processo requer organização documental e acompanhamento especializado para evitar perdas financeiras por inconsistências formais.

New Holland Construction e Bamaq marcam presença na InfraBusiness 2025

A New Holland Construction, marca de equipamentos de construção da CNH, em parceria com sua concessionária Bamaq Máquinas, estará presente na primeira edição da InfraBusiness 2025, que acontece entre os dias 12 e 14 de agosto, no Expominas, em Belo Horizonte (MG), apresentando um portfólio versátil e 100%

conectado de linha amarela.

“Estamos celebrando 75 anos de atuação no país e não poderíamos ficar de fora de um evento deste porte no Estado, que é a nossa casa. Minas se consolida cada vez mais como um centro de investimentos para o setor, com um mercado em expan-

são”, afirma Pedro Silva, Líder da New Holland Construction para a América Latina. A marca conta com uma fábrica em Contagem (MG), além do Campo de Provas e Centro de Experiência do Cliente, em Sarzedo (MG) — este último inaugurado recentemente com investimento de cerca de R\$ 12 milhões.